

A ESCASSEZ DE ÁGUA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO COMO ELO DE IDENTIDADES SOCIAIS: O CASO DO MUNICÍPIO DE CABACEIRAS¹

José Rocha CAVALCANTI FILHO²

Zildo GALLO³

Vera Lúcia Silveira Botta FERRANTE⁴

Dulce Consuelo Andreatta WHITAKER⁵

Resumo

O objetivo do trabalho foi resgatar as características centrais do semiárido brasileiro e paraibano e passar em revista o perfil de Cabaceiras, universo da pesquisa. Tomou como referencial analítico a Teoria das Representações Sociais de Moscovici, para estabelecer um diálogo entre o vivido e o concebido. O trabalho testou a hipótese de que a escassez de água no semiárido brasileiro e as extemporâneas enchentes, que fizeram parte do difícil cotidiano da população que hoje tem mais de 50 anos, teriam exercido relevante papel nas representações da água nas identidades sociais, no cristianismo popular dos grupos minoritários de semiárido paraibano, destacando a região de Cabaceiras-PB – geograficamente, o território com o menor índice pluviométrico do Brasil. Também teve como objetivo identificar as representações da água para as pessoas pertencentes às populações menos favorecidas e a maneira pela qual elas são influenciadas por suas condições econômicas e práticas religiosas – um modo de vida profundamente imbricado no ecossistema que o acolhe.

Palavras-chave: Semiárido. Cabaceiras-PB. Escassez de Água. Seca. Cristianismo Popular. Representações Sociais. Modos de Vida.

¹ O artigo baseia-se na dissertação "A água como elo de identidades sociais no semiárido paraibano: estudo de caso, Cabaceiras", de José Rocha Cavalcanti Filho, orientada pelo Prof. Dr. Zildo Gallo, no Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA em maio de 2010.

² Mestre pelo Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – UNIARA. End: R. Nossa Senhora da Conceição, 1037, Osasco/SP. E-mail: rocha-cp@uol.com.br

³ Docente do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – UNIARA. End: R. Voluntários da Pátria, 1309, Araraquara/SP, CEP 14801-320. E-mail: zildogallo@ig.com.br

⁴ Docente do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – UNIARA, Pesquisadora 1ª A do CNPq End: R. Dr. Arlindo Soares de Azevedo, 82, Araraquara/SP, CEP 14801-415. E-mail: mestrado@uniara.com.br

⁵ Docente do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – UNIARA Pesquisadora 1ª B do CNPq. End: Av. Espanha, 60, ap 121, Araraquara/SP, CEP 14801-130. E-mail: valeriahitaker@hotmail.com

Abstract

Water shortage in the semiarid region of Paraíba state as a link to social identities: the case of the city of Cabaceiras⁶

The objective of this research is to rescue the major characteristics of the semi-arid region of Paraíba State, Northeastern Brazil, and outline the profile of the city of Cabaceiras, the subject of this study. Moscovici's Social Representations Theory was used as the analytical approach to establish a dialogue between real experiences and conceived ideas. This study tested the hypothesis that water scarcity in the semi-arid regions in Brazil and the unseasonable floods that were part of the hard everyday life of the population over 50 years old played a relevant role in the representations of water in the social identities, in the popular Christianity of the minority groups in the semi-arid of the state of Paraíba, mainly the region of Cabaceiras-PB, which, geographically, has the lowest precipitation index in Brazil. This study also aimed at identifying how the less privileged population see the representations of water and how they are influenced by their economic conditions and religious practices - a lifestyle completely inserted in the ecosystem which gives them shelter

Key words: Semi-arid. Cabaceiras-PB. Water Scarcity. Drought. Popular Christianity. Social Representations. Lifestyles.

INTRODUÇÃO

Este texto é fruto do encontro feliz entre quatro pesquisadores, envolvidos com a busca pela interdisciplinaridade, cujos olhares partiram de eixos diferenciados, porém complementares e cuja síntese resultou neste compreensivo painel de representações e descrições da vida no semiárido nordestino, painel este que aponta para a plasticidade do ser humano e para sua adaptação aos *habitats* mais inóspitos.

O primeiro olhar foi o da pesquisa de campo, José Rocha Cavalcanti Filho trouxe, para um programa de pós-graduação interdisciplinar, uma fértil coleta de dados – adrede preparada – sobre as práticas e o imaginário de homens e mulheres que constroem e reconstróem suas vidas numa situação cuja beleza agreste da paisagem mal esconde a dureza de existências *severinas*.

Cavalcanti Filho desenvolveu ali um olhar compreensivo tal como proposto por Weber (Weber, 1969) para análise da ação social. Mas, do ponto de vista metodológico, seu olhar é mais do que isso: é o olhar antropológico que se deslumbra também com a natureza e a descreve, inserindo a cultura no ecossistema, tal como proposto por Whitaker (2006).

O segundo olhar vem do acolhimento hospitaleiro do orientador – o prof. Dr. Zildo Gallo – que o ajudou a desenvolver sua visão sistêmica e interdisciplinar, e para além do aspecto religioso encaminhou a articulação entre vários níveis – o ecológico, o social e o psicológico que é imanente na religiosidade do grupo investigado..

Durante os seminários de pesquisa, e no exame de qualificação, seus dados foram ganhando significado analítico. As relações entre cultura e ecossistema foram se aprofundando (WHITAKER 2006). Inspiradora foi também sua ideia de trabalhar com a teoria das representações sociais de Moscovici, utilizada por Whitaker em diferentes trabalhos (WHITAKER; SOUZA, 2007).

⁶ This paper is based on the dissertation "Water as a link to social identities in the semiarid region of Paraíba State: a case study, by José Rocha Cavalcanti Filho, supervised by Prof. Dr. Zildo Gallo, in the Master Course in Regional Development and Environment, Centro Universitário de Araraquara-UNIARA, in May, 2012.

Debates com a banca, a partir dessa teoria, permitiram captar o imaginário dos sujeitos participantes dessa coleta – não como em resultados aleatórios da carência de água em suas “vidas severinas” – mas muito mais e principalmente como ajustamento psicológico a uma situação de penúria, mas que reserva momentos de festa e preserva a sociabilidade naquilo que ela possui de mais profundamente humanizador – a solidariedade.

As descrições que fazem de suas práticas e crenças, o olhar compreensivo do pesquisador e os debates decorrentes de um mestrado interdisciplinar, permitiram o encontro com a visão de Ferrante, que trabalha suas análises dos espaços rurais, a partir da descrição de modos de vida – um conceito que ela vem saturando de teorias e fatos, tal como aconselha Bourdieu em relação às ideias que migram da linguagem comum e precisam se tornar científicos e heurísticos (BORDIEU. 2001)⁷.

Afinal, o painel aqui apresentado é a rica descrição de um modo de vida materialmente muito pobre, mas que, como resultante de múltiplas determinações dadas, não só pela carência de água, mas também por fatores bióticos derivados do ecossistema – cuja beleza se sobrepõe à dureza dessas vidas – gera uma heróica sobrevivência a ser celebrada.

Apresentamos então os principais resultados da dissertação produzida e dos desdobramentos resultantes do contraponto entre esses diferentes olhares.

Queremos com esse texto, chamar atenção para os diferentes aspectos do ser humano e sua incrível capacidade de adaptação, o que deve ser levado em conta pelos planejadores de políticas públicas para tornar mais funcionais suas intervenções, evitando destruir as culturas e os ecossistemas.

A PESQUISA

A hipótese subjacente à pesquisa é que a escassez de água no semiárido brasileiro e as enchentes ocasionais vivenciadas pela população que hoje tem mais de 50 anos de idade exerceram papel relevante nas representações sobre a água, nas identidades sociais, no catolicismo rústico⁸ dos seus habitantes.

Para testar a hipótese da pesquisa, escolheu-se trabalhar com uma amostra (55 pessoas) dos grupos do catolicismo (mantidos pela igreja) no semiárido paraibano, na região de Cabaceiras.

Essa região do semiárido apresenta altos níveis de degradação, os quais, segundo Souza *et al* (2007), resultam da extrema carência das camadas pobres da população (ou do abandono ao qual foram relegadas?). Somente um manejo adequado dos recursos naturais – com a recuperação de áreas degradadas e desertificadas – garantiria sustentabilidade à agricultura familiar e reduziria as vulnerabilidades a níveis aceitáveis.

Segundo Lima *et al* (1994), os projetos sociais que têm o objetivo de desenvolver áreas carentes do semiárido de maneira geral são ineficientes, por não atenderem às neces-

⁷ A citação de Bourdieu (tal como a de Weber) tem a ver com a metodologia empregada nos procedimentos analíticos derivados da Sociologia, referidos à postura dos pesquisadores – procedimentos esses que permitem uma compreensão das relações sociais, para além do mundo das aparências.

⁸ Buscou-se nos clássicos da Sociologia Rural do Brasil o conceito de catolicismo rústico, criado por Maria Isaura Pereira de Queiroz para designar as práticas lúdico-religiosas derivadas da liturgia católica (dominante na colonização do país), práticas essas “refratadas” pelas distâncias e pelas influências de diferentes etnias e dos espaços sócio-geográficos diferenciados que caracterizam o Brasil. Ver Queiros 1978, pp. 136 a 142. Para o uso do conceito de rústico, veja-se outro clássico na compreensão do mundo rural, Antônio Cândido, que usa o conceito de forma teórica e sem juízos de valor. (CÂNDIDO, 2010, 11ª edição).

sidades e não se adequarem à realidade da população. A maioria dos projetos busca apenas a assistência imediata, como o abastecimento temporário de água por carros pipas, doações de cestas básicas e frentes emergenciais de trabalho.

A opção pelo tema no Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da UNIARA, que enfocou as representações sociais da água na dimensão comunitária do cristianismo popular do semiárido paraibano, foi relevante, pois trata-se de uma região populosa: 1) com baixo índice pluviométrico; 2) na qual persiste o manejo inadequado dos recursos naturais, o que assoreia corpos d'água, extingue espécies da fauna e flora e cria desertificação; 3) constando-se aí o peso da desnutrição, do analfabetismo, da violência, do êxodo rural, da pobreza, da insuficiência de políticas públicas, da corrupção, dos latifúndios. Mas ainda assim, o semiárido ainda abriga ricas expressões culturais do Brasil e políticas públicas adequadas poderiam transformá-la em região dignamente humanizada. E sobre essas expressões culturais que se busca refletir. Entende-se que para refletir adequadamente sobre tais expressões precisa-se de uma teoria altamente compreensiva, para além da Sociologia, mas que seja capaz de incorporá-la. A Psicologia Social fornece esse referencial, a partir da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2004). Embora o precioso entorno geográfico descrito pelo pesquisador já apresente os contornos antropológicos de que necessita, a interface com a Psicologia Social confere ao olhar um caráter interdisciplinar. Em termos metodológicos, a análise das expressões coletadas se baseia, portanto em Moscovici (2004), mas o contexto sociológico e seu precioso entorno histórico geográfico referem-se a uma interdisciplinaridade teórica.

UNIVERSO DA PESQUISA

O Estado da Paraíba situa-se no Nordeste do Brasil; limita-se a leste com o Oceano Atlântico, a oeste com o Estado do Ceará, ao norte com o Rio Grande do Norte e ao Sul com Pernambuco. A região do estudo é o Município de Cabaceiras, na microrregião do Cariri Oriental, conhecida como região dos cariris velhos, na área mais baixa do Planalto da Borborema. Trata-se de área de baixa pluviometria, entre 280 a 400 mm anuais, com duas estações bem claras: "verão", época de seca, e "inverno", época de chuva. Às vezes, a estiagem dura até dez meses no ano.

A região do Cariri Oriental possui uma área total de 4.242.135 km², tinha uma população estimada pelo IBGE em 2006 de 61.388 indivíduos e divide-se em doze municípios: Alcantil, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boqueirão, Cabaceiras, Caraúbas, Caturité, Gurjão, Riacho de Santo Antônio, Santo André, São Domingos do Cariri e São João do Cariri. O município de Cabaceiras foi criado em 1834, possui uma área de 400 km² e dista 180 km de João Pessoa (capital) e 50 km de Campina Grande. O acesso, a partir de João Pessoa, dá-se pelas rodovias BR 230 e PB 148.

O clima semiárido tem baixa umidade e pouca chuva. Na classificação mundial do clima, o semiárido é aquele que tem precipitação anual entre 300 e 800 mm. No Brasil ele situa-se nas regiões Nordeste e Sudeste, numa área de 982 mil km² e é bastante populoso, com cerca de 40 milhões de habitantes, atingindo os estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, o Vale do Jequitinhonha, no norte de Minas Gerais, e parte do norte do Espírito Santo.

Nessa área, o regime pluvial é irregular, com 400 a 800 mm anuais. Seus solos são rasos, com vegetação do tipo xerófila, ou seja, com plantas xerófilas, resistentes a longos períodos de estiagem. Estas condições de solo e água servem de base para a sua classificação em zonas de caatinga, seridó, cerrado e agreste. As estiagens são cíclicas, com efeitos econômicos nocivos e custos sociais elevados. A economia baseia-se no setor primário, com pecuária extensiva e agricultura de baixo rendimento (CAVALCANTI FILHO, 2010, p. 23-24).

Conforme a EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Núcleo Semiárido (2004), o Estado da Paraíba precisa enfrentar um sério problema: 63% do seu território estão em processo de degradação e nessa área encontram-se solos férteis. As crises econômicas, que remontam à década de 1980, complicaram ainda mais esse quadro, e prejudicaram as culturas do algodão e do sisal – principais produtos agrícolas do Estado. Isso dificulta uma solução que impeça o avanço da degradação e assegure renda à população.

No semiárido nordestino, o catolicismo chegou de forma mais significativa com a ocupação do interior, geralmente iniciada pelos Bandeirantes e medrou para boa parte do semiárido, principalmente nas regiões dos cariris velhos, onde está o Município de Cabaceiras, no Estado da Paraíba. Assim, o catolicismo chegou com os bandeirantes e com a bovinocultura, na qual a presença dos missionários e leigos colaborou significativamente para amenizar os conflitos com as populações autóctones.

O catolicismo do semiárido destaca-se pelas procissões, romarias, festas de santos, novenas e outros atos religiosos que marcam o caririzeiro⁹ paraibano. Essa expressão religiosa construiu a identidade do homem e da mulher da região, onde dois elementos emergem: água e práticas religiosas. Em muitos ritos a água aparece, na benção, no batismo e na água benta dos vários rituais. Ela é utilizada no nascimento ou na morte, em eventos marcantes da vida individual ou coletiva, nas quais cabe lembrar o casamento, a benção da casa, dos animais de criação, de grávidas, entre outros. Suas práticas que envolvem o cotidiano, como se verá adiante, compõem a religiosidade que se está denominando de catolicismo rústico, conforme a Sociologia Rural Clássica. (QUEIROZ, 1978, p. 136 a 142)

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A análise qualitativa valeu-se da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (2004), aplicada para decodificar a cosmovisão de homens e mulheres com mais de 50 anos de idade, considerando as várias visões sobre a água, inclusive a representação da sua ausência. Buscou-se decodificar as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação. Elas constituem as realidades cotidianas e estabelecem as associações pelas quais as pessoas se relacionam umas com as outras. As relações sociais são entendidas como a substância simbólica que entra em elaboração, também é a prática específica que produz essa substância, da mesma maneira como a ciência e também o mito produzem uma prática científica e uma prática mítica. Segundo ele, as representações sociais

[...] são impostas sobre nós, transmitidas, e são produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações [...] implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (MOSCOVICI, 2004, p.37).

Para Moscovici, as representações sociais são entendidas como quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam, através das palavras, gestos e reuniões do dia-a-dia. Elas utilizam a maioria das relações estabelecidas entre as pessoas, os objetos

⁹ Caririzeiro – homem que habitava a região do Cariri. Cariri é a designação da principal família de línguas indígenas do sertão do Nordeste.

que elas produzem, consomem e as comunicações que estabelecem entre si. De forma resumida, as representações sociais são definidas por ele como:

[...] fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum (MOSCOVICI. 2003, p. 49).

Foi a partir deste referencial teórico que se deu a análise dos depoimentos colhidos de homens e mulheres com mais de 50 anos em Cabaceiras-PB. A coleta de dados deu-se na comunidade rural São Francisco – composto pelos sítios Gerimun, Alto Fechado, Malhada Comprida, Rio Direito e Carotá de Dentro – localizada a 15 km do centro da cidade – e no Sítio Poço Comprido, localizado a 20 km do centro. Segundo o IBGE, em 2006, o município tinha uma população de cerca de cinco mil habitantes. Deste total, apenas 10% tinham mais de 60 anos de idade, o que refletia à época a vida média de apenas 51,2 anos.

Foram entrevistadas 55 pessoas acima de 50 anos, com um questionário semiaberto, composto por 50 questões divididas em quatro blocos: 1) identificação dos entrevistados; 2) água e suas representações; 3) religiosidade; 4) água e sociedade. A amostra foi composta por 26 homens (47%) e 29 mulheres (53%). As respostas foram analisadas por gênero, para verificar se existiriam diferenças significativas. Além das questões gravadas com os entrevistados, realizou-se um diálogo com base em objetos existentes na residência – fotos, quadros de santos, potes de água – o que permitiu compreender melhor as representações sociais e os costumes daquelas comunidades.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Importante ressaltar que a pesquisa não se dispôs a discutir o catolicismo rústico e nem as diferentes maneiras como a religiosidade se expressa na região. O foco da pesquisa se prende às representações sociais (MOSCOVICI, 2004) sobre a água e tenta compreender, através dessas representações, um modo de vida marcado, ao mesmo tempo, por sofrimento, resistência e permanência.

Num primeiro momento apresenta-se aqui uma descrição do grupo e do seu modo de vida, para depois inserir nele exemplos das representações sociais que se conseguiu captar. Ou seja, primeiro uma etnografia do grupo (descrição) para em seguida tornar compreensíveis os procedimentos analíticos (interpretação).

O grupo entrevistado formou-se por pessoas casadas, viúvas e solteiras, com famílias numerosas, mais de seis filhos, partícipes da fé católica, trabalhadores rurais, a maioria aposentados ou incluso nos programas de assistência do Governo Federal, como o "Bolsa Família", entre outros. No grupo masculino, a maioria (24 indivíduos) era católica; apenas um declarou-se evangélico e outro disse não possuir religião. No feminino, 27 indivíduos eram católicos e apenas dois afirmaram-se evangélicos.

Também em relação às faixas etárias não foram encontradas na amostra diferenças significativas quanto aos gêneros. Entre os homens, 43% tinham mais que 70 anos e, entre as mulheres, 44%. Entre as mulheres, 46% tinham entre 51 e 60 anos e, entre os homens, 47%.

Quanto à escolaridade, apenas 38% dos homens informaram ser alfabetizados e, entre as mulheres, o percentual era ainda menor, 17%. A escolaridade declarada, não pareceu, quando da aplicação do questionário, retratar a realidade. Os respondentes, provavelmente envergonhados, disseram ter cursado mais tempo de estudos, especialmente os homens, cujas informações foram, muitas vezes, contraditórias.

Quanto ao estado civil, 66% informaram ser casados e 18%, 10 pessoas, não informaram o estado civil, talvez por não serem casados legalmente ou legalmente separados. Só dois entrevistados, um homem e uma mulher, eram solteiros. Entre homens e mulheres foram encontrados sete viúvos. Já em relação à ocupação, todos se declararam aposentados ou pensionistas. Mesmo assim, todos disseram trabalhar na roça ou na criação de animais, porém basicamente para consumo familiar. Em sobejo, dão aos parentes e amigos, prática comum na região, característica de grupos sociais solidarizados pela escassez, vivendo a partir de mínimos vitais, conforme detectado há muito tempo por nosso mestre Antônio Cândido (2010).

Cumpra agora descrever o modo de vida (FERRANTE; DUVAL, 2011, p. 59-86) do grupo para nele inserir as representações sociais que lhe dão suporte. No geral, as casas são muito simples e despojadas, feitas de taipa ou tijolos, muitas não são rebocadas, com tijolos aparentes. A maioria possui de quatro a oito cômodos. Quase todas sem forros nos tetos e com instalação elétrica exposta. Muitos cômodos não têm portas; nos quartos prevalecem as cortinas. Algumas não têm banheiros e quando o possuem, ficam do lado de fora, nos fundos do terreno. Nos vários cômodos geralmente são encontrados ganchos para redes; o fogão predominante é o de lenha, poucas possuem pias na cozinha e a água encanada praticamente inexistente.

Há muito vazio nas casas, são poucos os móveis. Na sala de visita há recipientes para água (potes, tonéis, filtros). Parte da água a ser consumida está na sala de visita, às vezes na sala das refeições e na cozinha. As paredes têm quadros de santos e santas católicos, mas também fotografias do casamento dos moradores, dos batizados dos filhos, fotos de velórios, festas juninas, aniversários, noivados, primeira comunhão e outros eventos. As paredes formam um tipo de galeria onde se expõe parte da memória e história da família. Junto às fotos e quadros de santos, aparecem pôsteres de artistas populares.

Os sofás são raros: são mais comuns bancos de madeira, ou tamboretas. Podem ser encontradas mesas, acompanhadas por tamboretas ou cadeiras de madeira, e um armário que é chamado de petisqueira, onde se guarda a pouca louça e também os alimentos. Nas salas, às vezes, há uma cadeira de balanço, utilizada mais pelo dono da casa, e objetos como cela de animais e outros usados no trabalho de campo, como enxadas, enxadões etc. Também é comum haver na cozinha ancoretas e galões para o transporte de água.

Os quartos têm mais redes do que camas e, comumente, as roupas são guardadas em arcas de madeira ou baú de couro. Eletrodomésticos são poucos, quando há, e os mais comuns são: televisão, fogão a gás, rádio e geladeira. As paredes internas não atingem o teto (meia parede). As janelas em madeira são fechadas por taramela ou ferrolho; o piso é de chão batido ou cimento. Na cozinha há sempre um fogão a lenha. Acima do fogão há um cordão com "mistura", carne seca e miúdo salgado de animais. Nas colheitas é comum a guarda de jerimum, melancia e outros alimentos na cozinha, onde sempre tem lenha e querosene para o fogo; há também tonéis ou tanques de cimento com água.

A alimentação predominante é o feijão, além dos derivados do milho, arroz, macaxeira, farinha de mandioca e rapadura. Quando consomem carne, as mais comuns são a carne seca de caprino ou ovino, raramente é bovina; às vezes se consome carne de porco, galinha e ovos. É comum a utilização de vísceras de animais, que são cozidas junto com o feijão. Sempre há café, leite de cabra ou de vaca, queijo e coalhada.

Na cozinha fica a panela de água e ali a mulher faz a comida. Trata-se de uma cultura de produção e consumo familiar na qual a água está presente, desde o plantio, passando pelo germinar da semente e amadurecimento das plantas, até chegar às panelas de barro no fogão à lenha. A produção da comida está ligada à mulher, distinguindo os papéis entre os sexos. Na região, os alimentos do roçado são produzidos em regra pelos homens. É o papel mais comum a eles. A casa está mais no domínio da mulher e é nela que a produção torna-se alimento. A mulher, o fogo, a água e a comida constituem o espaço feminino num meio de pouca água e de alimentos produzidos com muito esforço.

A forma de vestir-se é muito simples: as mulheres usam vestidos coloridos e um tipo de lenço na cabeça e calçam sandálias tipo havaianas; os homens usam calças tipo jeans, camisetas ou camisas, chapéus, a maioria de couro, ou boné. Usam botas ou sapatos de couro feitos na região.

Os meios de comunicação mais comuns são a televisão e o rádio, porém o rádio tem maior audiência. A locomoção é muitas vezes feita a pé, no lombo do jumento ou cavalo e bicicleta; o automóvel é raro e as motocicletas comuns. É um povo marcado pelo sofrimento, mas também pela alegria. Ouve-se muita música: forró, baião, xote, sertaneja. Dança-se muito forró, conhecido como "arrasta pé" ou "rala bucho".

Pela questão do êxodo rural sazonal, predominam idosos, mulheres e meninas, pois a maioria dos rapazes e homens maduros migram para o corte de cana-de-açúcar no litoral ou para a zona da mata da Paraíba e Pernambuco. Assim, com frequência, todo o trabalho é realizado pelas mulheres e idosos.

Todas as casas têm um terreiro, onde existem algumas plantas: pinhão roxo, arruda, manjerição, hortelã, erva-doce, erva cidreira, sabugueiro e plantas ornamentais. Parte dessas plantas é utilizada como remédio. Nesse espaço é comum a criação de galinhas, perus, patos e outras aves. Também são comuns os chiqueiros de porcos e currais nas proximidades. Existem pequenos rebanhos de cabras, ovelhas e, às vezes, bovinos, nada além de 10 a 15 cabeças.

Ao redor das casas encontram-se plantações de palma e plantas espinhentas que alimentam os animais nas estiagens. Outra faixa de terra comumente pequena é chamada de roçado e é utilizada para plantio de milho, feijão, fava, jerimum, batata doce, melancia, maxixe, macaxeira. O plantio é feito no período das chuvas anuais.

Atualmente, essa região teve uma conquista importante. Muitas famílias foram beneficiadas pelas cisternas. Foram construídas cisternas para guardar água da chuva com apoio dos poderes públicos, igrejas e organizações não governamentais: isso fez uma grande diferença na vida daquele povo. Quando a água fica distante, ou toda família participa dessa atividade ou o pai e os filhos homens executam essa função. Nessa situação, a água é trazida por animais, em carroças e, às vezes, em galões, e esses trabalhos se repetem quase diariamente. A água ao lado significa tranquilidade. Não é preciso caminhar muito para buscá-la, diminuindo o esforço físico dos moradores.

A frequência da seca, da ausência, da escassez da água, representa e traduz uma variedade de situações como fome, morte, castigo, doença, tristeza, agonia, miséria, êxodo, privação e muitas outras situações desumanas. Falar das representações sociais da água, em particular da sua escassez, é em específico um processo social de produção de representações sociais – de conhecimentos, a definição de um grupo social, de seus elos de identidades. Essa descrição etnográfica leva, portanto, diretamente às representações sociais da água para os entrevistados.

A água, como elemento de ligação entre o vivido e o percebido, emerge do discurso, em meio aos diálogos, quando se torna possível perceber suas múltiplas representações no contexto da irregularidade das chuvas. Antes de tudo, os respondentes referem-se à água como fonte de vida – "água é vida", origem e princípio das coisas. Essa foi a mais frequente resposta à pergunta sobre o significado da água para a pessoa: "vida". A água organiza o mundo. A vida molda-se a partir da água pré-existente e era sinal da presença de Deus no mundo, desde a eternidade. Este simbolismo da água como fonte de vida está presente desde o Livro do Gênesis até o Alcorão e na mitologia de muitos povos. Mircea Eliade (2010, p. 157) fala da água como este símbolo cosmogônico acima relatado:

A "Água da Vida" – Símbolo cosmogônico, receptáculo de todos os gérmenes, a água torna-se a substância mágica e medicinal por excelência; ela cura, rejuvenesce, assegura a vida eterna. O protótipo da água é a "água viva", que a especulação posterior proje-

tou por vezes nas regiões celestes – como existe uma **soma** celeste, uma **haoma** branca no céu, etc. A água viva, as fontes da juventude, a água da vida são as fórmulas míticas de uma mesma realidade metafísica e religiosa; na água reside a vida, o vigor e a eternidade. Esta água não é, naturalmente, acessível a toda gente, nem de qualquer maneira. Está guardada por monstros. Acha-se em territórios de difícil penetração, na posse de demônios ou divindades. O caminho para a sua origem e a sua obtenção implicam uma série de consagrações e de “provas”, exatamente como na busca da “árvore da vida” [...] O “rio sem idade” (vijara nadī) encontra-se perto da árvore miraculosa de que fala o Kausitaki Upanishad. E, no Apocalipse, os dois símbolos encontram-se lado a lado: “Ele mostrou-me, em seguida, o rio e a água da vida, límpida como o cristal, que brota do trono de Deus e do cordeiro... E nas duas margens do rio cresce a árvore da vida”.

Para todos os humanos, a água é o âmago da vida, a sua essência. É sabido que sem água não há vida – pelo menos a vida conhecida – e a população de Cabaceiras ainda o sabe mais, porque sofre com sua falta. No cotidiano, a água pode não estar sempre presente, mas no imaginário ela está presente em tudo. Para os entrevistados que sentem a seca, a água está no centro da existência, esteja ela ou não presente, mais presente se estiver ausente; mesmo quando não se tem, ela está presente no imaginário.

A escassez da água é um dos problemas seculares naquela região e em quase todo o Nordeste brasileiro. A situação do Nordeste é especial, começa por ter que responder à questão: como entender que o semiárido nordestino seja uma das regiões mais populosas do País e um dos semiáridos mais populosos do mundo?¹⁰

A água em sua significação simbólica pode ser compreendida como fonte de vida, isso foi o mais dito nas entrevistas; 100% dos entrevistados foram unânimes em responder que a água é vida e, principalmente, água da chuva. A água da chuva, nas entrevistas destaca-se sempre como água boa, limpa, que serve para beber, cozinhar, armazenar, água pura, para limpeza, água não poluída e água de boa qualidade, água para tomar banho, água para plantio.

Outros tipos de água que representam vida além da água de chuva, dita nas respostas foram: água de cisterna; água de poços artesianos, água encanada, água dessalinizada, água de tanque de pedra, água de poço, água de barragem, água de galão, água de carro pipa, água do rio, água do riacho etc. A água pode ser vista como boa ou má, em função do lugar onde esteja, do contato que ela tenha tido ou tenha. Toda água de chuva na compreensão dos entrevistados é boa.

Na questão apresentada “o que significa viver a seca ou enchente”, poucos citaram as enchentes, porém da seca quase todos falaram. A ausência é mais perceptível. Se a água é vida, sua falta é morte e sofrimento. Na sua ausência, a vida morre, destacando-se as mais frágeis: as pequenas plantas e animais, os mais diversos, insetos, aves, roedores, mamíferos. A seca encena um grande e contínuo funeral. A representação da ausência da chuva é bem forte, pois ninguém sai impune. A água ausente que eles buscam, às vezes

¹⁰ O Brasil está entre os países com grandes reservatórios de água doce do planeta, detém 12% dela, mas ela se divide desigualmente. Estes são os descompassos: a) a região Norte possui 68,5% da água doce do Brasil e tem só 6,8% da sua população; b) o Nordeste, com 3,3% da água, tem cerca de 30% da população; c) a região Sudeste tem 6% da água e 42% da população; d) o Sul com 6,5% da água tem cerca de 15% da população; e) o Centro-Oeste com 6,4% da água tem cerca de 15% da população. Com exceção do Nordeste, as outras estão sobre um grande aquífero da Terra, o Guarani (A água e sua distribuição espacial. **Revista das Águas**, ano 2, n. 6, junho de 2008 – Disponível em: [HTTP://revistadasaguas.pgr.mpf.gov.br](http://revistadasaguas.pgr.mpf.gov.br)).

longe, representa mais que matar a sede biológica. A busca da água não é a busca apenas de um alimento para manter-se vivo: a água é a própria vida. Na sua ausência, fica claro que ela é, de fato, como fala o caririzeiro. "Ela é tudo! É vida"! Tais expressões, muitas vezes contraditórias ("a água é boa e má") só se tornam evidentes quando se nota, com Moscovici (2004), que as representações sociais "implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva".

Para o caririzeiro, o período de seca é um período de preparação para a chegada das chuvas. Esses homens e mulheres, na ausência da chuva, dedicam seu tempo a preparar seus açudes, tanques, cisternas e os vários reservatórios – sem que esmoreça a esperança de que a chuva virá, a chuva é sempre um vir-a-ser. Além dos reservatórios, eles preparam os campos para as pastagens, os roçados para variadas culturas, aguardando a chegada do inverno chuvoso.

A ausência da chuva pode ser entendida sob diversas formas de representações. A falta leva ao desejo, desejo daquilo que não se tem e que se coloca no campo do imaginário. Para o caririzeiro, no seu entorno, sempre esteve e sempre está muito visível a ausência da água, manifestada pela condição da seca. Tudo sem vida e sem cores. Nessa situação, a água pode ter várias representações: vida e morte, fartura e escassez, resistência, luta, poder, mística, plantação, colheita e muitas outras representações, que permitem um aprofundamento até as raízes históricas da cultura naquele sentido reivindicado por Geertz (1978) e preconizado pelos grandes mestres da Antropologia conforme lembra Carvalho (2010).

Faltar água significa faltar vida, faltar tudo, alimento, trabalho: quando falta água, sobejam privação e desnutrição, doenças, perda de plantio, perda de rebanho, desemprego, separação dos cônjuges, pois os homens migram para trabalhar nas monoculturas sazonais e muitos acabam por não voltar para a família.

A ausência da água é sempre período de riscos, além disso, é um período muito longo e que parece ainda mais demorado devido à penúria. A seca é um deserto a se atravessar. O caririzeiro tem a certeza de que em sua vida haverá muitos desertos a serem atravessados. O deserto é um tempo de experiência e aprendizado, de mística, de transcendência, de morte e também de nascimento. É outro modo de viver e ver a vida – a vida caminha na lógica da natureza: ausência e presença da água, a qual ele sobrepuja por ser sobretudo um forte, forte com a ajuda de sua religiosidade.

Geralmente na seca, a mulher tem um papel maior e um sofrimento particular, pois na ausência do marido, ela ocupa também o seu lugar nas lides diárias, inclusive as mais penosas, como limpar açudes, fazer carvão, plantar palmas e preparar o campo à espera das chuvas. Além disso, "as mulheres viúvas de maridos vivos" têm que assumir a total responsabilidade da educação dos filhos e, muitas vezes, compete a elas mantê-los na escola, alimentá-los, vesti-los e dar a formação moral e espiritual. São mulheres guerreiras, camponesas, religiosas, educadoras, femininas, amantes, irmãs e senhoras.

Na questão sobre os tipos de água que conhecem, apareceu uma variedade: a) da água presente no corpo humano: urina, lágrima, sangue, saliva e suor; b) da água na natureza: chuva, rio, riacho, subsolo, nuvens, plantas, lagos, frutas, sementes, animais, peixes, cachoeiras, mar; água nos estados sólido, líquido e gasoso, várzea e brejos; c) na experiência do catolicismo riústico: água batismal (utilizada no batismo, na benção de pessoas, lugares, objetos, para purificação, utilizada nas missas); d) outras referências: água suja, pesada, salgada, poluída, quente, fria, ruim, boa, escura, clara, esgoto, barrenta, saneada, mineral, carro-pipa, poço, excrementos, do cata-vento (poço artesiano) e água podre.

A relação do caririzeiro com a água não é tão fácil de ser compreendida. Em um primeiro momento é um bem necessário à vida, mas também é vista como objeto de consumo. É vista também como portadora de benção, divindade, pureza, paz; ela faz parte de

vários ritos de passagem: nascimento (batismo), sacramento da reconciliação (purificação dos pecados), casamento (benção das alianças), funerais (aspersão do corpo e da sepultura), gravidez (aspersão sobre a mulher grávida). Particularmente sobre o batismo Eliade (2010, pp.159-160) faz as seguintes considerações:

O batismo – Este simbolismo imemorial e ecumênico de imersão na água como instrumento de purificação e de regeneração foi aceito pelo cristianismo e enriquecido por novos valores religiosos. O batismo de São João procurava, não a cura das enfermidades corpóreas, mas a redenção da alma, o perdão dos pecados. João Batista pregava “o batismo do arrependimento para a remissão dos pecados” dizendo: Eu vos batizo com água, mas aquele que é mais forte do que eu vos batizará com o Espírito Santo e o fogo. No cristianismo, o batismo tornou-se o principal instrumento de regeneração espiritual, pois que a imersão na água batismal equivale a enterramento de Cristo. “Ignorais” – escreve S. Paulo – “que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo o fomos também na sua morte?” Simbolicamente, o homem morre através da imersão e renasce, purificado, renovado, exatamente como Cristo ressuscitou do seu túmulo. “Nós fomos, pois, enterrados com ele pelo batismo, a fim de que, tal como Cristo ressuscitou dos mortos para a glória do Pai, nós caminhemos para uma nova vida, porque, se participarmos por imitação na sua morte, participaremos também na sua ressurreição”.

A vida dessas pessoas é regida pela religiosidade e pela natureza. A água está presente de fato nas festas juninas (Santo Antonio, São João e São Pedro). Esse período é o ápice do ano, pois nesse mês, com maior frequência, são celebrados casamentos e batizados. Nas festas comemoram-se o tempo da fartura, da colheita, dos reservatórios cheios, das visitas dos que migraram, da venda dos animais engordados, da compra de roupas novas, móveis etc. Depois da seca, os rios, córregos, riachos, açudes, tanques e lagos ficam cheios. As árvores ficam cobertas de folhas e a terra de plantas, os pássaros voltam e se reproduzem, os animais se recuperam da seca e da fome – uma experiência completamente diferente dos habitantes das cidades, para os quais a presença ou ausência de água se refere em geral ao abrir e fechar de torneiras.

O catolicismo rústico tem cunho devocional; os santos fazem parte das alegrias, dramas e esperanças dos que lhes confiaram os pedidos e que souberam identificar-se com os desafios climáticos, espirituais, sociais, psicológicos e afetivos. Na comunidade São Francisco e no Sítio poço Comprido, esse catolicismo parece ser o eixo que congrega a comunidade, pois ela cria comunhão social e aumenta o espaço comunitário. No entorno da comunidade espiritual se constrói e se tece a comunidade social.

A religião, e não a ciência é o filtro para compreender o homem do semiárido, nessas comunidades. Ele se decodifica ao decodificar o seu entorno a partir das suas representações sociais, tendo como eixo central um catolicismo com traços indígenas e africanos, rico em elementos da natureza. Os santos do seu imaginário são responsáveis pela natureza (chuvas, secas, plantio, colheita, saúde, doença, nascimento e morte). A força maior desse povo é a fé e sua religiosidade para enfrentar as dificuldades do semiárido.

Dois quadros são vistos em várias casas dos entrevistados: a Passagem do Mar Vermelho e a Arca de Noé. O primeiro significa a travessia para a liberdade, para a terra prometida, uma tentativa de retorno ao paraíso perdido. O segundo representa as duas realidades opostas das águas: a) a primeira é a morte, o fim do mundo de uma humanidade corrompida, a água submerge todo mal e tudo cobre; b) a segunda, simbolizada pela Arca, que guarda no seu interior a possibilidade de uma nova vida. Simbolicamente, a água destrói e reconstrói. Eliade (2010, p.171) assim também se refere ao simbolismo do dilúvio:

As tradições de dilúvios ligam-se quase todas à ideia de reabsorção da humanidade na água e à instauração de uma nova época, com uma nova humanidade. Elas evidenciam uma concepção cíclica do cosmos e da história: uma época é abolida pela catástrofe e uma nova era começa, dominada por "homens novos".

Na tradição judaico-cristã, da qual deriva o catolicismo em todas as suas variações, a água é o elemento fundante para a vivência espiritual, seja através das citações da água na Bíblia ou na transversalidade do tema nos vários fatos reveladores, seja na liturgia na Igreja católica como, por exemplo, o Batismo, a Eucaristia, o Matrimônio, a Unção dos Enfermos, entre outros, seja nas várias emoções populares em que os fiéis utilizam a Água Benta para bênçãos dos terços, rosários, quadros, imagens de santos, grávidas, crianças, escolas, casas, plantações, hospitais, fábricas, prédios públicos etc.

Ao longo da história das religiões, encontra-se uma farta e preciosa reflexão dos místicos sobre a espiritualidade da água. Desde as primeiras comunidades primitivas até agora, religiosos e religiosas usufruíram e aprofundaram e continuam usufruindo e aprofundando a temática da espiritualidade da água, tema que, por mais que seja estudado e discutido e por mais que seja sobejamente conhecido, poderá ser repetidas vezes desenvolvido e repetidas vezes aprofundado. Mas no caso em questão, a espiritualidade está fortemente reforçada pela ausência, assim como na história do povo hebreu, pois na sua experiência do deserto tem-se fortemente a compreensão da busca da água, não apenas como algo necessário à vida, mas como uma busca espiritual no sentido da libertação. Essa relação entre ausência da água e espiritualidade no semiárido é o que se demonstra com a análise das representações sociais do grupo.

A seca é a realidade sentida pelo caririzeiro com mais de cinquenta anos, que viveu boa parte da vida nos Cariris Velhos, o ecossistema em questão. Ele vê o mundo regido pela fé e não pela ciência ou pela lógica cartesiana; essa fé é vivida no catolicismo rústico, com influências africanas e indígenas e que é marcado pelas festas. Como a proposta foi analisar a vivência dos entrevistados com base nas representações sociais e como a realidade do semiárido não é a presença da água, mas a sua escassez, ela é que foi o objeto do estudo embasado na Teoria de Moscovici (2004). Aqui se apresentam, então, alguns exemplos de representações captadas pelas análises,

A senhora M.S.A. 68 anos, mãe de oito filhos, fala sobre a seca: *"teve muita seca de 50 a 60, foi uma seca monstra; quase morreu a madeira toda. Estava no Rio e cheguei e tive vontade de voltar"*.

A representação da água no caso da seca de quase uma década, foi interiorizada como uma realidade apocalíptica, "fim do mundo", "seca monstra". A seca é representada literalmente como monstro: a ausência da água a morte da natureza. É uma experiência forte, que representa não só perdas materiais, mas também espirituais e relacionais. Contudo, convive-se com ela e também com o seu oposto, a enchente, conforme as palavras da senhora M.S.A.: *"conviver com a seca é muito difícil, mas a gente convive. Não tem produção, não tem comida para os animais. Tem muita despesa, bicho chega a morrer de fome. A enchente destrói muito o roçado, carrega a madeira..."*.

Tais maneiras de representar estão previstas por Moscovici (2004) quando situa "modos de pensamento" que a vida cotidiana sustenta e que são historicamente mantidos por mais ou menos longos períodos (p. 218). Está aí representado meio século de memórias de um sofrimento que o grupo superou e internalizou.

A falta de água não tem só custo ambiental, social e espiritual, mas econômico também, como observa a senhora M. S. A.: *"não tem produção, não tem comida para os animais, tem muita despesa, os bichos chegam a morrer de fome"*.

Contudo, a religiosidade acaba sendo um elemento importante na resistência às agruras climáticas que dificultam a permanência dos caririzeiros. Quando se fala em escas-

sez de água, percebe-se uma unanimidade nas representações. As dificuldades em relação à seca, que são comuns a todos nos cariris, estão bem claras no relato da senhora P. J. S., 78 anos:

Já vi foi muita fome, no tempo de criança. To rica hoje, mas passei fome. A comida era xique-xique no tempo de criança, comendo fruta de facheiro, não tinha outra coisa pra comer. Minha mãe dizia: vamos caçar fruta de facheiro, lá por aqueles mundo de longe, bem longe; quando chegava ia repartir as frutas que era o almoço da gente e deixava um bocado pra de noite ser a janta. As vezes, chegava tarde e era almoço e janta. Caçava pra ficar de um dia pra outro.

A senhora R.A.F., 52 anos, ao falar da seca e dos seus sacrifícios, deixa transparecer certa resignação, quando assim se expressa:

Já, muita (seca) carregava água na cabeça. A seca é direto aqui. Lá ia buscar na serra de Pai Mateus, na Viração... Sofri tudo no mundo, passei necessidade; lata d'água na cabeça. O tempo da seca é sacrifício. Depois da aposentadoria é bom demais. Comia xique-xique, mas era conformada e satisfeita.

Quando se observa falas como estas, percebe-se uma representação social, no sentido que Ihe dá Moscovici (2004) como "resultado de sucessivas gerações". A questão da seca é realidade secular. Mesmo com a questão da escassez da água, existe a questão da terra, ela é objeto primeiro e não só a água, desde séculos. Os povos indígenas e as populações mais recentes tentaram buscar meios para conviver com o semiárido. Os dados da pesquisa revelam que sempre houve a presença humana na região. Quando se depara com as expressões culturais (música, literatura etc.) dos caririzeiros, nota-se que o seu desejo é permanecer em sua terra, manter-se no cariri, a caatinga nordestina, o seu lugar de pertencimento. Mas não se cobra coerência nas representações sociais. A aparente incongruência se resolve quando se percebe com Moscovici que "a motivação para elaboração de uma representação social não é a procura de um acordo entre nossas ideias de realidade" (MOSCOVICI, 2004, p. 207), mas sim a busca de uma ponte entre aquilo que é estranho e o que é familiar.

A fala do senhor M.C.R. expõe o tamanho do drama, o tamanho da resistência e a compreensão do sertanejo sobre o significado do esforço coletivo para sobreviver, por exemplo, durante 12 anos seguidos de seca: É sua memória que expressa essa ponte que marca sua comunidade:

A água é vida, ninguém pode viver sem ela, nem árvore, nem bicho, hoje necessita demais. Tanta gente conduzindo na cabeça com légua (distância de 6 km) e de mais duzentas pessoas carregando na cabeça, num pote ou numa lata ou qualquer coisa... Nasci em 1918. Teve seca 20, 21, 22, 23 choveu 24 e 26 até bom, 27, 28, 29 e 30 não teve nada de água; teve uma data de 48 até 60; 12 anos de seca nesse lugar sem chover nada 48 pra 60; 12 anos de seca... A maior dificuldade deste mundo carregando água na cabeça, a léguas de distância, água de cacimba e quando foi nessa de 12 anos morreu todas as árvores do conhecimento, morreu tudo e não ficou um pé de marmeleiro, somente nesse conhecimento daqui (Comunidade São Francisco) de Cabaceiras (cidade a 15 km de distância).

Parece haver resignação nas representações da ausência da chuva; uma região desolada e o povo resignado. Todavia, é importante ressaltar – ante a resignação – outros elementos como a resistência diante das adversidades, que são muitas num quadro crônico

de escassez de água. "Água é vida", na sua ausência a vida cessa e na sua diminuição a vida se contrai. Na verdade, o sertanejo encontra-se ligado aos ciclos da natureza (período de chuva, período de seca, inverno, verão), fazem parte dele de forma perceptível e todo o seu imaginário plasma-se nesse círculo, cujas representações fazem parte da memória do grupo e criam os elos entre as gerações (MOSCOVICI, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou comprovar a hipótese de que a escassez de água no semiárido paraibano e as enchentes, que fizeram parte do cotidiano da população que hoje tem mais de 50 anos, exerceram papel relevante nas representações da água nas identidades sociais, à luz do cristianismo popular. A cosmovisão que rege as vidas dos moradores de São Francisco e Poço Comprido não é a racionalidade cartesiana, mas a lógica cíclica da natureza, marcada por duas sações: o verão que pode durar 10 meses por ano, período sem chuvas, e o esperado inverno, período de dois a quatro meses, no máximo cinco, com possíveis chuvas.

Esta realidade permite que se perceba a religiosidade como ponto fundante que marca o tempo através das festas dos santos católicos. Uma religiosidade devocional, na qual os santos estão ligados à natureza e são intercessores para a chuva. O inverno começa com a festa de São José, no dia 19 de março. Essa festa religiosa não é apenas o início oficial do possível inverno, mas nela comemora-se a chegada das chuvas, reservatórios cheios e uma boa pastagem para a os animais e, ainda, uma colheita farta.

O período de seca é um tempo de preparação para a chegada da chuva. Homens e mulheres, na sua ausência, preparam os açudes, tanques e cisternas, na esperança de que ela virá. Planta-se no dia de São José e colhe-se no dia de São João, última semana de junho, mês de maior festividade no semiárido nordestino. Nesse mês celebra-se a festa de Santo Antônio, protetor dos solteiros e solteiras que procuram casamento; São João, tempo de colheita, é a festa mais importante em torno o Nordeste; e São Pedro, aquele que tem as chaves do céu e está ligado à água, às chuvas e às trovoadas.

O elemento religioso é notado nas várias atitudes de resignação e passividade diante da realidade secular da escassez da água. Porém percebe-se mais forte a persistência, a luta para não deixar a terra, o enfrentamento e a convivência com a seca. O homem do Cariri é portador de uma mística e espiritualidade de luta para aprender a conviver com a seca e não abandonar a terra, ele não luta contra a seca, ele busca aprender a conviver com ela; ela é significativa nesse ecossistema e conviver com ela é necessário para permanecer na região dos cariris velhos da Paraíba. Esta compreensão só se torna possível, quando a análise das suas expressões se faz através da Teoria das Representações Sociais, aprofundando a compreensão das contradições inerentes ao modo de vida possível naquele entorno geográfico.

Diante da escassez, fica fácil compreender a subjetividade dos habitantes, dolorida, mas também repleta de sonhos, força, coragem e luta; essa ausência é algo que desafia essas populações a vencerem a luta cotidiana para se superarem ou para aprenderem a conviver com a cíclica presença da seca em sua história. É outro modo de ver a vida – a vida caminha na lógica da natureza: ausência e presença da água, à qual ele sobrepuja por ser sobretudo um forte.

A memória dos mais velhos, nas suas casas, compara as várias secas, suas dificuldades e enfrentamentos. A meteorologia e a história, sempre orais, permitem entender os valores sociais, a religiosidade, as práticas, o aprendizado, a resignação e a resistência desse povo. A casa do sertanejo é um baú que se abre para fazer memória do passado,

compreender o presente, encontrar respostas e pistas para o futuro. A água sempre será a representação da identidade, da cultura, da religião, das relações afetivas e efetivas desse povo. A sua casa no meio da aridez tem um papel ímpar, ela povoa o deserto com memórias, sonhos e esperanças.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P – **Meditações Pascalianas** – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, 320p.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito – estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre Azul, 336p.
- CARVALHO, C. A. **Enigmas da cultura**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- CAVALCANTI FILHO, J. R. **A água como elo de identidades sociais no semiárido paraibano**: estudo de caso, Cabaceiras. Dissertação. Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Centro Universitário de Araraquara, 2010, 184p.
- CAVALVANTI FILHO, J. R.; GALLO, Z.; MEDEIROS, S. S. **Representações sociais do acesso à água potável e das práticas de uso agrícola familiar na região do cariri**. III Simpósio sobre reforma agrária e assentamentos rurais: o lugar dos assentamentos rurais: atores, territórios, rede de cooperação e conflito, UNIARA, junho/2008.
- ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, 479p.
- EMBRAPA. **Embrapa Semiárido dimensiona degradação nos solos da Paraíba**. (25/11/2004) Disponível em: www.embrapa.br/imprensa/noticias/1997/abril/bn.2004-11-25.8425384557// Acesso em: 17 de março de 2010.
- FERRANTE, V. L. S. B. Mulheres assentadas em movimento: na casa e na rua, espaços de resistência. In: WHITAKER, D. C. A.; FIAMENGUE, F. C.; VELÔSO, T. M. C. **Ideologia e esquecimento**: aspectos negados da memória social brasileira. Presidente Venceslau: CNPQ e Letras a margem, 2010.
- FERRANTE, V. L. S. B.; DUVAL, H. C. Metodologia em ação: a importância de se aprender invisibilidades nos assentamentos rurais. **Retratos de Assentamentos**, v. 14, n. 1, p. 31-68, 2011.
- GEERTZ, C. J. A interpretação das culturas. In: _____. **Uma descrição densa**: por uma teoria interpretativa da cultura. Rio de Janeiro: Zahar Editorias, 1978, pp. 13-41.
- LIMA, R. F.; FERRO, F. F.; SILVA, A. de M. **Projeto SECCA**: os impactos ambientais e o desenvolvimento sustentável na região árida de Cabaceiras – PB. Recife: Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1994.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigação em psicologia social. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2004, 404p.
- QUEIROZ, M. I. P. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil**. Rio de Janeiro: L. T. C./EDUSP, 1978.
- SOUZA, R. F.; BARBOSA, M. P.; MORAIS NETO, J. M.; FERNANDES, M. F. Estudo do processo de desertificação e das vulnerabilidades do município de Cabaceiras – PB. **Engenharia Ambiental** – Espírito Santo do Pinhal, 2007, v.4, n. 1, p. 82-102.
- WEBER, M. **Economia y Sociedad**. México: Fondo da Cultura Econômica, 1969.

WHITAKER, D. C. A. A Cultura e o ecossistema: questões conceituais, In: WHITAKER, D. C. A.; BEZZON, L. C. **Reflexões a partir de um diálogo**. Campinas: Ed. Alínea, 2006.

WHITAKER, D. C. A.; SOUZA, M. F. A permanência dos jovens nos assentamentos de Reforma Agrária: um rosário de equívocos. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, n. 10, p. 113-125, 2006.

Recebido em setembro de 2012

Revisado em abril de 2013

Aceito em julho de 2013